

IDEÁRIO CRÍTICO DE MACHADO DE ASSIS¹ (BREVE CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DE SUA OBRA)

José Aderaldo Castello

Apresentação de Hélio de Seixas Guimarães

Resumo: O artigo "Ideário crítico de Machado de Assis", datado de 1951 e publicado em 1952, chama a atenção para o interesse e a importância do Machado crítico, faceta àquela altura muito pouco estudada do autor de *Dom Casmurro*. O artigo identifica as linhas principais da reflexão do escritor sobre sua própria produção e a literatura de maneira geral a partir de um levantamento bastante exaustivo de ideias colhidas em sua obra como crítico, abordando tópicos tais como o realismo; o universalismo, nacionalismo e cor local; o teatro e a representação dramática; e a literatura de viagens.

Palavras-chave: José Aderaldo Castello; crítica; universalismo; cor local.

Machado de Assis' critical ideas

Abstract: This article, "Machado de Assis' critical ideas", dated of 1951 and published in 1952, addresses the interest and importance of Machado as a critic, at that time a less studied facet of *Dom Casmurro's* author. The article identifies Machado's main reflections on his own work and also on literature in general. It is based on a quite exhaustive survey of his ideas, found in his critical work, dealing with topics such as realism; universalism, nationalism and local color; the theater and the dramatic scene; and travel literature. This is the homage Machado de Assis em linha pays to the Machadian José Aderaldo Castello, who died in 2011 at the age of 90.

Keywords: José Aderaldo Castello; criticism; universalism; local color.

* * *

O homenageado deste número na seção "Da tradição crítica" é o professor, pesquisador, historiador e crítico da literatura José Aderaldo Castello, autor de *Realidade e ilusão em Machado de Assis* (1969) e de diversos artigos sobre o autor, dispersos em jornais e revistas.

¹ Aqui estão a primeira e a terceira partes de um texto publicado na *Revista de História*, São Paulo, jul.-set 1952, ano III, n. 11, p. 93-128. A segunda parte desse texto consiste em um levantamento bastante abrangente das ideias críticas do escritor, divididas nos seguintes tópicos: 1. A crítica literária; 2. Atitude crítica de Machado de Assis; 3. Posição literária de Machado de Assis; 4. O Realismo; 5. A atitude estética das novas gerações e o passado; 6. Qualidades e defeitos do escritor; 7. Universalismo, nacionalismo e cor local; 8. A imitação em arte; 9 A forma; 10. Qualidade do estilo; 11. Vida e poesia; 12. Romance, conto e teatro – suas qualidades; 13. A poesia – seus temas, suas qualidades; 14. O teatro – conceito e importância; 15. O gênero teatral – espécies, qualidades; 16. A representação dramática; 18. O teatro nacional e a tradução e adaptação de peças estrangeiras; 19. A literatura de viagens; 20. A função do historiador; 21. Qualidades do pensamento; 22. O trabalho e a cooperação literários.

Machado de Assis foi uma das paixões deste fundador e fomentador dos estudos de literatura brasileira na Universidade de São Paulo, onde teve atuação pioneira e decisiva tanto na constituição da área de Literatura Brasileira, como do Instituto de Estudos Brasileiros, o IEB, que dirigiu na virada dos anos 60 para os anos 70.

Grande pesquisador das fontes primárias e garimpador de documentos fundamentais para o estudo da produção literária no Brasil, as paixões de Castello incluíram também as revistas literárias, a produção letrada do período colonial, o romantismo, o realismo, o regionalismo e o modernismo.

O conhecimento constituído ao longo de toda uma vida dedicada à literatura brasileira encontra sua síntese em obras clássicas, como *A literatura brasileira: origens e unidade* (1500-1960) e os três volumes que organizou com Antonio Candido, *Presença da literatura brasileira*.

No ano em que "Instinto de nacionalidade", um dos textos críticos mais influentes de toda a literatura brasileira, completa 140 anos de sua publicação, na revista *O Novo Mundo*, *Machado de Assis em linha* reproduz o primeiro texto que Castello publicou sobre Machado de Assis.

O artigo "Ideário crítico de Machado de Assis", datado de 1951 e publicado em 1952, chama a atenção para o interesse e a importância do Machado crítico, faceta àquela altura muito pouco estudada do autor de *Dom Casimiro*. O artigo identifica as linhas principais da reflexão do escritor sobre sua própria produção e a literatura de maneira geral a partir de um levantamento bastante exaustivo de ideias colhidas em sua obra como crítico, abordando tópicos tais como o realismo; o universalismo, nacionalismo e cor local; o teatro e a representação dramática; e a literatura de viagens.

Desta maneira, a MAEL faz sua homenagem ao machadiano José Aderaldo Castello, que morreu em 2011, aos 90 anos.

* * *

I – O crítico

Sobre Machado de Assis já existe uma bibliografia apreciável, embora cheia de altos e baixos que atingem os extremos da glorificação e da negação de seu valor. O romancista e o contista, por serem estas as feições essenciais do escritor, preferidamente têm sido estudados; depois, o cronista, o poeta, o teatrólogo e o crítico. Preocupada mais com o homem, isto é, com a sua feição moral e psicológica, origem, constituição e doença, a crítica em geral nega, porque esquece, o escritor propriamente dito. Lemos no próprio Machado de Assis esta observação importante: [...] "Estou mesmo certo que, em geral, há alguma coisa do escritor" – quer dizer homem – "nas suas obras capitais: muitas vezes as faces da criação são coradas com o próprio sentimento. Mas que vale

isso aqui? Do alto destas páginas só conheço a obra e o escritor; o homem desaparece".² Não resta dúvida que em alguns ou muitos casos, tratando-se principalmente de crítica em perspectiva histórica, o estudo do homem impõe-se; mas, mesmo assim, não deve ser essa a atitude predominante do analista e intérprete, porque acima dela estão o escritor e a obra. No escritor, o estudo de sua formação cultural, compreendendo época, ambiente, leituras ou fontes que vão esclarecer a obra da qual devemos apontar a mensagem que encerra, visão do mundo, do homem e das coisas e a sua repercussão através do tempo, repercussão que é afirmadora de sua universalidade e da fonte de influências que se tornou.

Ora, quem melhor nos informa do escritor é quase sempre o mesmo escritor com os seus depoimentos, correspondência, ensaios estéticos ou páginas de crítica e com a própria obra artística por ele realizada. No caso de Machado de Assis, há preciosos elementos que se encontram exatamente nos aspectos menos estudados de sua obra: crítica, principalmente, depois crônicas e correspondência (íntima). Temos aí o motivo por que nos aventuramos a escrever este trabalho que é, em primeiro lugar, mais de contribuição para o estudo da obra de Machado de Assis do que de interpretação; e, em segundo lugar, a título de exemplo da atitude altamente elogiável, orientada pela modéstia, ciência e consciência da responsabilidade do trabalho literário de um dos escritores de melhor formação da literatura brasileira.

* * *

Machado de Assis principiou a sua atividade de escritor, cuja evolução é perfeitamente normal, equilibrada e sempre ascendente, como crítico e como poeta. Muito cedo, aos dezenove anos de idade (1858), escrevia para *A marmota* de Paula Brito, famoso livreiro da época, os artigos críticos intitulados *O passado, o presente e o futuro da literatura*, tema arrojado, assunto amplo, como bem já o notou Alfredo Pujol,

² ASSIS, Machado de. *Crítica teatral*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1938. p. 85.

mas do qual o jovem estreante revelou relativo conhecimento.³ Quando surgiu a revista *O futuro* (1862), dirigida por Francisco Xavier de Novais, Machado de Assis foi o escolhido para escrever nela a nossa crônica literária. E mais tarde, no *Diário do Rio de Janeiro*, então dirigido por Quintino Bocaiuva, recebeu o encargo de criticar os livros novos.

Tão bem iniciado e com todas as virtudes de excelente crítico, Machado de Assis não continuou, contudo, a atividade crítica com a regularidade com que a iniciou. Viu-se forçado a abandoná-la, talvez porque público e escritores (autores e amigos) não souberam dignamente receber a lição do futuro mestre que já se ia revelando, lição cheia de superioridade, independência e sinceridade. É o que depreendemos da crítica de Machado de Assis e o que vemos também com outras palavras em quase todos os que escreveram sobre ele. Mário Matos, um de seus melhores estudiosos, afirma que Machado de Assis "[s]e não a exerceu militantemente," – refere-se à crítica – "foi por ceder ao temperamento, foi para evitar controvérsia. Mas não por falta de finura e competência. O pouco que disse foi sempre certo".⁴ Tem razão Mário Matos, apesar de não ser completa, como o vemos em comparação com as palavras de Alfredo Pujol:

Este profundo senso crítico, disciplinado pelo bom gosto, isento de dogmas, de escolas e de sistemas, e servido por uma rara sinceridade, sempre elevado, refletido e justo, devia fazer de Machado de Assis o supremo mentor de uma literatura. Não o quiseram as gerações novas. Por muito tempo o negaram e combateram. O seu ensaio tão verdadeiro sobre o naturalismo de Eça de Queiroz provocou mais de um protesto. Retraiu-se a sua sensibilidade magoada; e, de então por diante, só raramente, em algum período fugitivo de crônica e num ou noutro esboço, atreveu-se a fazer crítica literária, a propósito de Raul Pompeia, José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Oliveira Lima, Magalhães de Azeredo, Graça Aranha, Mário de Alencar e raros outros.⁵

³ PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1934. p. 259-260.

⁴ MATOS, Mário. *Machado de Assis – o homem e a obra, os personagens explicam o autor*. (Brasília, Biblioteca Pedagógica Brasileira, série 5a., v. 153). São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. p. 429.

⁵ PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*, cit., p. 270-271. A propósito da referência que Alfredo Pujol faz à crítica de Machado de Assis à obra de Eça de Queiroz, achamos oportuno lembrar as palavras do autor de

Dissemos e é verdade que são poucas as apreciações sobre Machado de Assis considerado como crítico. Poucas, curtas, mas quase sempre elogiosas.⁶ Procuremos reconstituí-las.

Apesar de não ser propriamente uma afirmação aprofundada, Mário de Alencar⁷ acha que Machado de Assis seria um exímio crítico, se tivesse querido sê-lo, pois revelava todas as qualidades para este fim. Sendo a de crítico a "feição principal de seu engenho", possuía o espírito de análise literária e, de fato, se não persistiu na crítica literária, foi porque o seu meio não lhe ofereceu possibilidades materiais para tais estudos. A propósito, Mário de Alencar quer ver num trecho de uma carta de Machado de Assis, resposta de outra de José de Alencar, nas quais se fala de Castro Alves, aquela conclusão. Machado, porém, escreve sobre a missão espinhosa do crítico, deixando transparecer certo desalento pelos trabalhos de crítica, acima de tudo provocadores de lutas, e claramente afirma que só escreveu seus estudos críticos porque havia a necessidade da reforma do gosto que se ia perdendo em nossa literatura. A razão de Mário de Alencar é plena, quando considera a delicadeza do espírito de Machado de Assis, incapaz de penetrar em lutas e de ferir os sentimentos alheios. Conclui que o autor de *Quincas Borba* abandonou a crítica e abraçou o conto e o romance, equivalendo dizer que desprezou a análise da obra pela do homem, isto é, dos caracteres, de sua psicologia.

Sílvio Romero já discorda que seja a de crítico a feição principal de Machado

O crime do padre Amaro e de *O primo Basílio* escritas em carta a Machado de Assis: [...] "Apesar de me ser em geral adverso, quase severo, e de ser inspirado por uma hostilidade quase partidária à Escola Realista – esse artigo todavia pela sua elevação, e pelo talento com que está feito honra o meu livro, quase lhe aumenta a autoridade." In: *Exposição Machado de Assis*, Centenário do nascimento de Machado de Assis, 1839-1939, Ministério da Educação e Saúde, Exposição II, Rio de Janeiro, 1939. p. 198.

⁶Além da bibliografia que está sendo citada em notas de rodapé, que acompanham este trabalho, há outras pequenas e escassas referências sobre o assunto encontradas na bibliografia geral sobre Machado de Assis, o que seria enfadonho citar. Lembramos a bibliografia sobre Machado de Assis, que se acha inventariada na publicação *Exposição Machado de Assis*, ed. cit., e que, apesar de datada de 1939, é a mais completa que existe sobre ele.

⁷ALENCAR, Mário de. Advertência. In: *Crítica literária* de Machado de Assis, cit.

de Assis, enquanto José Veríssimo escreve⁸ que Mário de Alencar "tem inteira razão de dizer que as suas páginas" – refere-se a Machado – "agora ajuntadas sob o título de *Crítica* são uma mostra cabal de que ele era um crítico exímio e seria, querendo-o, um dos melhores que já escreveram na língua portuguesa". Considera José Veríssimo que

é em suma impressionista a crítica de Machado de Assis. Servem-na, porém, peregrinos dons de psicólogo [...] e uma rara sensibilidade literária. Versadíssimo no melhor das literaturas, e de mais a mais espírito de singular finura e penetração, e por isto mesmo desabusado das modas intelectuais e hostil a todo pedantismo, Machado de Assis não considera a crítica senão sob o aspecto da impressão feita no seu espírito pela obra literária.

E já concluindo suas apreciações sobre "Machado de Assis, crítico", acrescenta José Veríssimo:

Em suma, Machado de Assis, sem ter feito ofício de crítico, é, como tal, um dos mais competentes e mais sinceros que temos tido. [...] Ninguém mais do que ele poderia ter exercido com a utilidade que lhe reconhecia, a crítica "doutrinária, ampla, elevada", a crítica como atividade literária efetiva.

José de Alencar⁹ também, dirigindo-se ao próprio Machado de Assis, o eleva à qualidade de "o único de nossos modernos escritores que se dedicou sinceramente à cultura dessa difícil ciência que se chama crítica" e batiza-o como "primeiro crítico brasileiro".

Às apreciações de Veríssimo, considerando Machado de Assis um crítico com "dons de psicólogo" e de sensibilidade estética, podemos juntar a apreciação de Wilhelm Giese, que, já no final do seu artigo sobre Machado, escreve: "os dotes

⁸ VERÍSSIMO, José. *Letras e literatos*, Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1936.

⁹ ALENCAR, José de. Um poeta. Carta a Machado de Assis. In: *Castro Alves*. Revista da Academia Brasileira de Letras, 1921, Rio de Janeiro.

psicológicos e o fino sentimento estético fazem desse pesquisador da alma humana, que é Machado de Assis, um romancista e também um crítico (*Crítica*, 1913) a quem o Brasil deve inúmeras contribuições de valor".¹⁰

E ao lado de todos os enaltecedores das virtudes críticas de Machado de Assis, concordando particularmente com José Veríssimo, lembramos ainda Mário Matos e Alfredo Pujol, dois destacados e equilibrados intérpretes do escritor. Mário Matos ressalta-lhe a independência em face das escolas, afirmando que ele se subordinava apenas ao bom gosto, para melhor estudar as obras em si mesmas. Como Veríssimo, considera-o impressionista, e, apesar de declarar que Machado de Assis nada concluía afirmativamente, aponta-lhe como qualidade de relevo a honestidade mental de quem sabia dizer aos amigos mais íntimos as verdades da crítica.¹¹

Alfredo Pujol, mesmo admitindo que a modéstia, a simplicidade dos juízos e a indecisão nos conceitos de Machado de Assis provinham-lhe da timidez e da tristeza congênita, pelo que "não dizia inteiramente bem, nem inteiramente mal dos homens, dos fatos ou dos livros submetidos à sua crítica", o que é para nós bastante discutível, acrescenta elogiosamente: "Apesar dessa feição natural do seu temperamento, a isenção do seu espírito, o seu horror do dogmatismo, a sua profunda sensibilidade estética e as suas raras faculdades de abstração valeram-lhe desde moço o primeiro lugar entre os seus contemporâneos, no domínio da crítica".¹²

Alfredo Pujol vê ainda na crítica de Machado de Assis uma outra grande virtude, que foi o seu propósito da afirmação na literatura brasileira dos traços de nossa nacionalidade, o que é exato e louvável; mas não tem razão quando afirma que "foi Machado de Assis quem primeiro agitou" essa necessidade então bem viva.¹³ As ideias de nacionalização de nossa literatura datam realmente das origens do romantismo no

¹⁰ GIESE, Wilhelm. Machado de Assis estudado por... In: *Suplemento literário de A Manhã*, Rio de Janeiro, número de 28/09/1941.

¹¹ MATOS, Mário. *Machado de Assis – o homem e a obra, os personagens explicam o autor*, cit., p. 425-426.

¹² PUJOL, Alfredo. *Machado de Assis*, cit., p. 261.

¹³ *Idem*, p. 268

Brasil, com ponto de partida nas críticas de Ferdinand Denis e de Garrett (1826), retomadas pela Sociedade Filomática de S. Paulo (1833) e pelo grupo de Gonçalves de Magalhães primeiramente em Paris (1836) e depois no Rio de Janeiro (1837 em diante).

Sem dúvida mais interessante do que estas citações de apreciações sobre Machado de Assis crítico é a sua própria concepção de crítica. Possuído de escrupulosidade, idoneidade e honestidade intelectual, para Machado de Assis era árdua a tarefa do crítico e lamentável que entre nós fosse exercida por incompetentes (refere-se à crítica brasileira, em 1865). Desta última situação resultava uma ausência de segura orientação para poetas e escritores, a oscilarem entre a palavra do crítico e a opinião pública, sem jamais serem detentores do mérito justo que lhes fosse devido. Pois, se não existisse orientação de valor, afirmar-se-ia também a funesta consequência em virtude da qual só escassamente surgiria uma obra de projeção. Mas evitaríamos a falência de nossa literatura, se por ventura cultivássemos uma crítica nobre, profunda, elevada, séria, e na qual "o ódio, a camaradagem e a indiferença, – essas três chagas da crítica de hoje" – fossem substituídas pela sinceridade, solicitude e justiça.

Uma das condições primordiais do crítico é o cultivo da "ciência literária", afirma Machado de Assis, numa libertação daquilo que se limita ao domínio da imaginação. A crítica é acima de tudo análise, e através dela o crítico, meditando profundamente sobre a obra criticada, deve buscar do livro "o sentido íntimo, aplicar-lhe as leis políticas, ver enfim até que ponto a imaginação e a verdade conferenciaram para aquela produção." Se a crítica deve ser meditada, é claro que não deve nascer de uma rápida leitura, reproduzindo apenas "impressões de um momento": nela deve haver ciência e consciência. Porque, na ausência de probidade, de convicção sincera e fundamentada, de justa imparcialidade, o crítico jamais deve proferir o seu julgamento sobre qualquer obra; ao demais, a missão do crítico é alicerçada e como que estruturada na verdade e não proposta a ser "uma profissão de rosas". O crítico deve ser coerente, possuir independência, sentir-se seguramente firme contra qualquer pessoalismo, dentro da imparcialidade que permite justamente indicar o valor da obra de mérito ou a insuficiência da obra fraca, sem distinção de autor. Também deve haver tolerância com a justa valorização da obra que não deve ser condenada só pelo fato de pertencer a uma

corrente literária que não esteja de acordo com as preferências pessoais do crítico. E se por fim adicionarmos a tudo isto a condição de urbanidade, isto é, a delicadeza e a distinção tanto no modo de realçar o valor, como no de expor a ausência deste elemento vital de qualquer obra, e "a virtude da perseverança, teremos completado o ideal do crítico". Em remate, Machado de Assis considera que a crítica assim concebida e de tal modo posta em prática seria realmente útil e favoreceria o desenvolvimento de uma fértil e produtiva literatura, num esclarecimento proveitoso aos jovens estreantes do verdadeiro sentido da arte.¹⁴

Longe, não há dúvida, esteve Machado de Assis de escrever uma teoria da crítica literária, e creio mesmo não ter sido este o seu propósito. Nada mais pretendeu que expor sistematicamente seu pensamento próprio sobre as qualidades e a função do crítico, num trabalho de orientação, aliás incompleto, sem preocupação de doutrina. Devemos levar em conta, também, que escreveu daquela forma, para atender a uma necessidade de momento, qual fosse a de revigorar a fraqueza da crítica da literatura brasileira de então.

Sem pretender generalizar, vemos que o processo crítico de Machado de Assis é dominado por uma espécie de lugar comum que sempre existiu na atividade da crítica: a análise ou como que a dissecação do conteúdo da obra ou do trecho, do enredo do romance criticado. Toma-o a crítica, resume-o, ou expõe-no, acha que tal situação é humana, mas aquela outra impossível, inverossímil, artificial, com situações arranjadas para a salvação do livro e de sua unidade. Leva-se em conta, porém, que tudo é motivo, quer dizer, pode ser tomado como motivo, e, apenas, entre o que há de possível e real e o que há de arranjado e sem correspondência na realidade, deve o analista fazer a devida distinção, para, em relação ao que for verdadeiro, poder ajuizar do valor social ou humano da obra, mas sempre tendo em vista a coerência da criação artística. Sobretudo, motivo é motivo, fonte de inspiração, alma de uma forma que deve ser perfeita para a realização do belo ou da arte. Qualquer motivo é aceitável, sem restrições, contanto que possibilite ao artista a criação da verdadeira obra de arte.

¹⁴ ASSIS, Machado de. *Crítica literária*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson Inc. Editores, 1939. p. 11-19.

A crítica – e sem dúvida não se trata de uma generalização absoluta – busca o sentido social e de pensamento, filosófico e estético da obra criticada. Deve o quanto possível reproduzir a marcha evolutiva da obra total do criticado, da primeira à última página, acompanhando-lhe o seu pensamento, a concepção artística, conjecturando quando for indispensável, apresentando as características de cada produção de relevo e da obra total, revelando o pensamento do escritor em todos os sentidos; enfim, deve esclarecer a obra em face da formação do escritor e do seu momento histórico; e ainda da obra, apontando as qualidades estilísticas e estéticas. Que se faça isto o quanto possível com imparcialidade e fidelidade e que depois se prossiga na crítica apreciadora, de censura, de julgamento, de sugestão e correção, isto é, orientadora, principalmente no caso de estreates.

Eis em síntese o que nos sugere a crítica de Machado de Assis e o que também vemos nela em maior ou menor grau. Acrescente-se, finalmente, a qualidade predominante da crítica machadiana – o impressionismo, mas impressionismo orientado pelo bom gosto, coerência, justeza, considerável leitura.

Contudo, perguntamos: Machado de Assis correspondeu, na prática, à sistematização teórica de um processo crítico próprio, quer dizer, por ele mesmo idealizado? Vejamos. Além do que já dissemos, praticou a crítica plenamente dentro daquelas virtudes de distinção, delicadeza, urbanidade, moderação e justeza nos conceitos, qualidades que exigiu do crítico. Também exerceu o seu ideal de crítica orientadora, até certo ponto simplesmente expositiva, tendendo sempre para o comparativo. Resume a composição, sugere emendas, moderação, equilíbrio, mudança de situação, de certos particulares de cada cena, numa espécie de correção técnica notadamente do romance, de cujo drama sempre exige verossimilhança ou como que a indispensável ligação da ação do romance com a realidade que, para Machado de Assis, no que diz respeito à prosa de ficção, é igual à "verdade moral".

Ainda mais, reservado com as afirmações e até certo ponto sem subordinar o autor a ditames de escola literária, sempre estimula e lisonjeia o criticado, quando lhe propõe uma correção, lhe faz uma censura ou o elogia. Mas, com a sua atitude de

corrigir com frase timidamente delicada, às vezes traz dificuldades de compreensão para o leitor, que pode ser levado à confusão.

E infelizmente num ponto que ele julga importante para o crítico, qual seja o equilíbrio, a completa segurança dos conceitos, das afirmações, do julgamento, para evitar contradições, Machado de Assis às vezes se revela indeciso. Para não citar outros exemplos, vejamos à página 135 da *Crítica literária* (edição citada), num trabalho datado de 1873, essa afirmativa: "[...] a literatura brasileira, literatura que não existe ainda, que mal poderá ir alvorecendo agora." Comparemos com o que está escrito à página 158 do mesmo livro, num trabalho de 1875: "A literatura brasileira é uma realidade" [...]. Em todo caso, essa evolução das nossas ideias é um fato perfeitamente normal e mesmo necessário.

III – Conclusão – Importância da crítica de Machado de Assis

Terminada a leitura das principais ideias críticas de Machado de Assis, achamos que ficam justificadas opiniões expendidas ao apreciarmos o crítico, na primeira parte deste trabalho. Não resta dúvida que um dos pontos de partida, talvez o mais importante, para o estudo de Machado de Assis como escritor, isto é, romancista, contista, cronista, teatrólogo e poeta, é a crítica que ele escreveu e da qual a maior e a melhor parte se acha reunida nos dois volumes já citados — *Crítica literária* e *Crítica teatral*.

Vemos que, através da crítica, Machado de Assis expôs as suas ideias fundamentais, datadas principalmente do início de sua formação, sobre estética literária e a atividade literária, e deixou traçado o perfil do escritor que ele mesmo o foi.

Vemos também – e em parte já ficou dito – que o que norteou toda a crítica machadiana foram as virtudes da honestidade e da sinceridade aliadas à coerência e ao bom gosto. Daí porque, ao criticar qualquer obra e de preferência as de escritores novos — antes de apreciá-la, procurava conhecer a produção literária anterior do escritor

estudado, levado, como o era, pela preocupação de ressaltar qualidades ou defeitos de formação.

Na apreciação e julgamento da obra de arte, sempre admitiu que um de seus elementos fundamentais é a forma perfeita, vernácula, definida dentro da tradição da língua, para exata expressão deste outro elemento igualmente fundamental que é o conteúdo elevado. E, para Machado de Assis, conteúdo elevado era aquele que, evitando a vulgaridade, as minúcias e os pormenores desnecessários, estava de acordo com uma verdade moral, sinceramente exprimia um estado d'alma, uma emoção, um ideal de participação. Por isto, além desses dois elementos: forma correta e conteúdo elevado, ambos em perfeito equilíbrio, ainda exigia da obra de arte emoção e sinceridade. Para o escritor atingir esse ideal de arte, devia, quando consciente do seu talento, modesto, sem qualquer vaidade ou autossuficiência, estudar e trabalhar, sobretudo com paciência, porque a ação do tempo é um mestre importantíssimo dos que possuem vocação artística. De fato, só o estudo e a ação do tempo sobre o escritor, apurando-lhe os dotes de talento, podem seguramente conduzir o artista à perfeição.

Foi assim que Machado de Assis, criticando outros escritores, orientando-os, traçou para ele mesmo um programa de trabalho literário cujos princípios fundamentais podemos resumir nas seguintes palavras: aos dotes de talento, o artista deve juntar a atitude coerente, de bom senso, bom gosto e sinceridade, além de estudo e experiência adquiridos com o tempo. O verdadeiro ideal da arte deve ser o de exprimir a vida, idealizando-a ou copiando-a, mas nunca a deformando ao extremo; ela deve sempre ser recriada conforme a uma verdade moral, empregando aqui esta última expressão usada pelo próprio Machado de Assis.

Nestas condições, não é de admirar que Machado de Assis, que viveu os últimos momentos do romantismo, a transição e a afirmação de novas tendências literárias, tenha sabido compreender o romantismo que se extinguia, da mesma forma que o realismo-naturalismo e o parnasianismo que surgiam e se afirmavam, mas de todos condenando os excessos. Aproveitou equilibradamente a experiência de todas as tendências literárias, inclusive a lição dos clássicos. E disto nos vem a perguntar:

podemos classificar Machado de Assis dentro de determinada escola literária? Achamos que tal classificação é acima de tudo tarefa inútil e só contribuiria para sacrificar a interpretação segura de uma das mais expressivas e destacadas figuras de nossa literatura.

É verdade que Machado de Assis soube compreender muito bem todas as tendências literárias conhecidas até a sua época. Soube ler, assimilar e aproveitar a experiência de todas essas tendências, notadamente a experiência dos clássicos, tornando-se um dos poucos escritores brasileiros de formação regular e apreciável ou completa. Com o estudo da literatura passada e da contemporânea, com o conhecimento seguro dos grandes mestres da língua portuguesa e dos principais representantes das várias literaturas, Machado de Assis pôde assumir a atitude de escritor ciente e consciente de sua capacidade, coerente, seguro e equilibrado, que, dentro de uma época caracteristicamente de transição, conseguiu evitar os extremos, as reações exageradas, por isto mesmo transitórias ou de momento e também estéreis, infensas à realização de uma arte de valor permanente e de significação humana universalista.

O certo é que Machado de Assis estudou os escritores de todas as escolas literárias, sem preferência, sem a pressão deformadora de sectarismo, e, procedendo a uma análise rigorosa das obras lidas, pôde de todas distinguir os elementos estéticos fundamentais e permanentes, pois que, em verdade, o que separa uma escola de outra, pelo menos exteriormente, são os processos técnicos e as preferências, quase sempre exageradas, que refletem o espírito ou clima de época.

Mais uma vez repisamos que é tarefa inútil e prejudicial à exata compreensão da obra de Machado de Assis, a de submetê-lo à classificação rígida de escola literária. Considerá-lo romântico ou realista ou parnasiano é sacrificar as características de equilíbrio, coerência e bom gosto, capacidade própria de criação, independência, que em geral apresenta a obra que ele escreveu. Dentro de sua época, e projetando-se no tempo, ele se tornou um escritor de individualidade bem definida, por si só capaz de criar entre nós uma tradição literária, tradição de feição essencialmente brasileira e ao mesmo tempo universalista. Mas, infelizmente, desde que principiamos a nossa

autonomia literária, desligando-nos do servilismo literário ou cultural com que a metrópole refreava as nossas expansões, preferimos ser simples reflexos dos movimentos literários europeus, particularmente franceses, quase sempre importados à pressa e mal assimilados. Em todo caso, temos o consolo de contar com alguns poucos mestres, como Machado de Assis, embora nem todos gostem de ler nas entrelinhas.

São Paulo, fevereiro de 1951

José Aderaldo Castello

Assistente da Cadeira de Literatura Brasileira (USP)